

EXPECTATIVA, REVOLUÇÃO E MESSIAS

Os 400 anos que separam o Antigo e o Novo Testamento conformam um período histórico de consolidação dos posicionamentos religiosos e políticos que se apresentam a partir dos evangelhos bíblicos. Os judeus, após retornarem do exílio babilônico, nutriram um profundo zelo pela Lei, o que se contrastou com a dinâmica mundial da expansão helenística. Sob o domínio dos gregos, os judeus se dividiram entre aqueles que aceitavam o helenismo e o sincretismo religioso, e aqueles que rejeitavam qualquer forma de adulteração das instruções dadas pela Lei, grupo do qual originaram os fariseus. A revolta dos macabeus gira em torno dessa tensão interna e externa no povo judeu.

Nesse período, a noção e a esperança messiânica muito se desenvolveram, especialmente com escritos que não foram inclusos no cânon do Antigo Testamento, mas tiveram peso semelhante na construção ideológica judaica do primeiro século. Segundo Merrill Tenney, “a maior parte destes livros foi escrita em período de perturbação nacional e luta entre a volta do exílio e a destruição de Jerusalém. Refletem a inquietação e o espírito insatisfeito dos judeus, que estavam ainda a sonhar com um estado independente. Os seus assuntos mostram a reação judaica contra a opressão, a incerteza, a esperança que caracterizou o período inteiro”.

Às vésperas da era cristã, a expectativa messiânica, carregada de ideais revolucionários e libertários, começou a tomar forma por meio dos zelotes, ala extremista dos fariseus que optava por intervenções armadas e violentas contra os opressores. Liderados por um homem chamado de Judas, o Galileu (At), mobilizaram-se e atacaram os romanos por volta do ano 6 d.C. A rebelião foi violentamente reprimida. Os zelotes, apesar de derrotados, caíram na simpatia do povo, com o qual se misturaram, adotando uma estratégia terrorista. Carregavam adagas (chamadas em latim

de sica, daí serem também chamados de sicários), com a qual atacavam infiéis e traidores, mais do que os próprios romanos. Ao longo do século 1 d.C., diversas insurreições judaicas surgiram na Palestina, lideradas por zelotes que reclamavam o título de messias aos seus líderes.

Em 66 d.C. inicia-se uma grande revolta judaica na tentativa de expulsar os romanos da Terra Santa. A guerra judaica durou até 70 d.C., quando os romanos expulsaram os judeus de Jerusalém e queimaram o templo. A última revolta judaica foi liderada por um homem conhecido na história como Simeão Bar Kokhba, entre os anos 131 e 135 d.C. O imperador Adriano, que assumiu o Império Romano em 118 d.C., mostrou-se amigo dos judeus, permitindo que voltassem a Jerusalém, porém, sua política não lhes era nem um pouco amigável. Adriano tentava fortalecer o helenismo no império como forma de unificação não apenas política, mas também cultural. Ao mesmo tempo em que permitiu aos judeus reconstruírem o templo de Jerusalém, proibiu a circuncisão em 127 d.C. e mandou erigir um santuário a Júpiter no exato lugar em que o templo estivera.

Simeão Bar Kokhba mobilizou os judeus e, contando com o apoio do maior rabino da época, o rabi Akiva, foi aclamado como o messias, recebendo o nome “Bar Kokhba”, que significa “filho da estrela”, em referência à leitura messiânica de Números 24.17. Em 131 d.C., a revolta começou a tomar forma, até que, por volta de 134 d.C., Bar Kokhba tomou Jerusalém, expulsou os romanos e foi nomeado príncipe. Entretanto, em 135 d.C. os romanos reprimiram o levante, expulsaram os judeus de vez da Terra Santa e os proibiram de pisar ali novamente. Os romanos destruíram todas as fortificações judaicas, e estima-se que cerca de 500 mil pessoas foram mortas. Era o fim do estado judaico.

O aspecto político da expectativa messiânica entre os judeus influenciou a rejeição de Jesus como o verdadeiro Messias e culminou no oposto à esperança alimentada ao longo de tantos séculos. O povo judeu foi disperso, seu estado destruído e sua terra perdida.

BIBLIOGRAFIA

DANIEL-ROPS, Henri. *A Vida Diária nos Tempos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GUNDRY, Robert Horton. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e Desenvolvimento no Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.

TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento, sua Origem e Análise*. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.